



Gênero e Educação: a experiência do Curso Fic com arte postal e autorretrato .

Autor (1); Lydiane Batista de Vasconcelos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano

lydianebatista@yahoo.com.br

Resumo: A proposta desta pesquisa surgiu a partir das vivências no curso FIC, realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano-Campus Floresta, onde foram ministradas aulas de arte para alunos de várias faixas etárias. Durante as atividades os alunos tiveram aulas de História da Arte , arte postal e fotografia e discutiram a questão de gênero na cidade de Floresta. Partindo do percurso histórico das colagens feitas por diferentes artistas aliado ao debate sobre o corpo feminino e as violências cotidianas. Os alunos(as) puderam elaborar uma linguagem visual e discutir questões que são silenciadas socialmente na cidade. Esse trabalho se propõe a analisar a elaboração visual dos alunos. Para discutir teoricamente partimos dos debates sobre a importância da arte na educação, segundo importantes pensadores e arte-educadores a exemplo de Barbosa(2005).

Palavras-chave: Gênero, fotografia, arte postal, artes visuais.

Introdução

Os estudos recentes sobre a identidade de gênero apontam que esta categoria se for compreendida isolada de outras vivências pessoais, não poderemos visualizar as relações de poder que a faz emergir em diferentes contextos sociais. Dessa forma, essa é uma categoria que acompanha as crianças durante todo o seu processo formativo nas interações com outras crianças e objetos culturais. Louro (2000, 2003) e Souza (2005)

Na perspectiva de Louro a identidade de Gênero é compreendida como uma autopercepção de cada sujeito sobre as categorias que dizem respeito ao feminino e ao masculino. Geralmente essas categorias emergem partindo de padrões de normalidade



adotados por grupos sociais diversos, naturalizando hábitos, concepções e valores. A escola como espaço educativo onde transitam inúmeras subjetividades, não está imune a esses padrões normativos impostos pela sociedade. No campo educativo a década de 1990, foi profícua na institucionalização de documentos que tentam na sua narrativa criar uma escola mais plural e democrática. Dentre esses documentos os Parâmetros Curriculares Nacionais emergem com orientações de temáticas a serem tratadas por cada disciplina durante o ano letivo. Paralelamente as orientações presentes nos cadernos de orientação disciplinar foram gestados os Parâmetros Curriculares Transversais, com questões que não se fazem presentes como temáticas específicas das disciplinas, mas devido ao caráter de urgências das mesmas devem “atravessar” o currículo de forma interdisciplinar. Dentre as temáticas a que causa uma maior inquietação é o que foi intitulada como: Orientação Sexual. De acordo com o texto dos Pcms, o tema foi criado a partir do aumento de casos de gravidez indesejada entre jovens em idade escolar, bem como o risco de contaminação das mesmas e dos seus parceiros por doenças sexualmente transmissíveis.

O caderno Orientação Sexual se apresenta dentro do volume que discute a Pluralidade Cultural, sendo portanto um sub tema a ser discutido dentro dessa temática transversal.

Mesmo considerando a validade da constituição de um documento que adentra enquanto currículo nas escolas brasileiras e serve como mediador a um debate considerado um “tabu” no espaço escolar, alguns pesquisadores tecem uma série de críticas sobre como a sexualidade é descrita no Pcms Orientação Sexual.

Helena Altmann ao analisar o texto percebe que este trata a orientação sexual como uma questão informativa, segundo a autora:

(...) sexualidade é concebida como um dado da natureza, como “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida”. Fala-se em “necessidade básica”, “em potencialidade erótica do corpo”, “em impulsos de desejo vividos no corpo”, sobre o que os sujeitos, principalmente os adolescentes, precisam ser informados (ALTMANN, 2001, p.9).

Boa parte do documento constrói a sexualidade partindo de uma narrativa biológica e ligada a funções hormonais, buscando uma naturalização dos papéis de gênero.



Altmann coloca ainda que em trechos do documento há menções a história da sexualidade, no entanto, mesmo admitindo diversas manifestações da sexualidade ao longo da história, ele acaba por não contextualizar o próprio conceito de sexualidade enquanto uma categoria histórica.

No documento *Orientação Sexual* as temáticas estão divididas da seguinte forma:

1) Corpo: matriz da sexualidade; 2) Relações de gênero e 3) Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Dentro das três temáticas elencadas pelo caderno nos interessou pesquisar as relações de gênero. Nosso interesse foi motivado por entendermos a necessidade e o enfrentamento desta questão dentro do espaço escolar brasileiro a fim de alargar o conceito de gênero para além das questões biológicas, compreendendo este como uma categoria social e construída historicamente.

Além de se tratar de um texto curto que não abarca a complexidade do tema, no documento *Orientação Sexual* há uma indicação de que o conceito de Gênero seja trabalhada dentro das disciplinas de Educação Física e História.

Vicente Augusto Figueiredo, em seu estudo sobre o documento, coloca que este desconsidera as questões de gênero em detrimento a naturalização do corpo. Para o autor:

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante, PCN), a definição de gênero nega a dualidade entre o masculino e o feminino. Porém, gênero é tratado de maneira lacunar: este conceito fica restrito e atrelado ao tema orientação sexual, não perpassa outras áreas do conhecimento, que não seja o da biologia; não contemplando seu caráter transversal. Apesar de negar o determinismo biológico, contido no conceito de gênero, privilegia os componentes biológicos da orientação sexual, tendo como principal preocupação a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e a “gravidez indesejada de jovens” (FIGUEIREDO, 2009, p.12).

Luiz Paulo de Moita Lopes ao discutir a sexualidade na escola, coloca que mesmo sendo este um tema debatido fora da escola, tal questão ainda se constitui um tabu em



sala de aula, sobretudo nos discursos dos professores que compreendem a temática partindo da individualidade do aluno, não levando em consideração as questões socioeconômicas e culturais inerentes a temática. O autor afirma:

Fomos educados a pensar sobre os alunos sem considerar sua razão, seu gênero e seu desejo: um ser descorporificado e, portanto, em abstração, que só existe na sala de aula, normalmente nos discursos nos quais a voz dos/as professores/as é central (LOPES, 2013,p.126).

Diante das questões expostas acima pelos autores, esse projeto de extensão objetiva, através de suportes visuais, problematizar a categoria gênero respeitando as suas construções sociais, subjetivas e históricas junto aos alunos do Sertão Pernambucano. Para a construção das categorias, partiremos das existentes na literatura disponível sobre a temática, a fim de repensar e reconstruirmos coletivamente as mesmas. Como contribuição conceitual e pedagógica, além dos trabalhos citados acima, utilizaremos as pesquisas realizadas pela arte-educadora Ana Mãe Barbosa sobre a proposta triangular na educação.¹

A proposta de Barbosa parte de uma triangulação que perpassa: o fazer artístico, a leitura da imagem e a contextualização. Para a autora o aluno ao observar uma produção visual a partir da proposta triangular acaba por resgatar a fase da criação da obra contida no fazer e ler a obra de arte. Dessa forma partindo da proposta triangular de Barbosa esse projeto alia a tríade ensino, pesquisa e extensão, visto que os alunos participantes terão aulas sobre a temática de gênero, realização pesquisas sobre as temáticas e a extensão se caracteriza pela formação nas narrativas visuais que visem o enfrentamento ao machismo. A participação dos estudantes no projeto permitirá aos mesmos um alargamento sobre a temática de gênero, de como algumas práticas cotidianas de machismo e sexismo são frutos de produções visuais propostas pela mídia, a exemplo de propagandas de carro e cervejas onde a mulher é representada como sexualizada e

¹ A proposta triangular proposta por Ana Mãe Barbosa, visa agregar várias questões ligadas ao ensino e aprendizagem sendo elas principalmente: leitura da imagem, análise da obra no seu tempo histórico e prática artística. A autora discorre ainda que na contemporaneidade se faz necessário refletir sobre as imagens a que somos bombardeados cotidianamente pela mídia. Segundo a autora: “Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como nosso resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1998, p.17).



objetificada para o consumo. Os estudantes ao participarem dos debates conceituais e práticas visuais serão levados a criticar os papéis de gênero e o machismo impostos pela sociedade e que por muitas vezes são reiterados no ambiente escolar. Buscamos que os alunos ao agenciarem os conceitos, possam utilizá-los na prática construindo assim uma escola mais democrática e equânime. Dessa forma esse curso teve como objetivo principal, promover debates sobre gênero e sexualidade na escola através de produções visuais.

Metodologia

Partindo da lacuna existente entre as escolas públicas e a temática de gênero, buscamos discutir como as visualidades podem ser uma metodologia importante para a desconstrução cotidiana sobre a identidade de gênero presente no senso comum e que acaba por silenciar e violentar as alunas em espaços públicos e privados. Dessa forma os alunos da Licenciatura em Química ao dialogarem com os alunos da escola pública durante as oficinas e vivenciarem as inúmeras realidades presentes no espaço escolar, poderão repensar as suas práticas como futuros professores. A oficina possui um caráter extensonista por envolver sujeitos em diferentes graus de formação e de diferentes instituições. O mesmo impulsiona e motiva os envolvidos a desenvolverem pesquisas e produções de cunho pedagógico sobre a temática.

No que diz respeito ao público-alvo dessa pesquisa a metodologia de uso de oficinas foi escolhida como eixo metodológico por permitir aos alunos, assim como afirma Vera Maria Candau, um espaço de vivência, reflexão e conceitualização sobre a temática (CANDAU, 1995). Considerando a complexidade e urgência do debate das questões de gênero na escola, acreditamos que a visualidade é uma forma de expressão possível para tratar sobre questões identitárias, que por terem sido silenciadas por décadas não encontram espaços de interlocução na escola. Dessa forma a oficina foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano e buscava permitir aos alunos um espaço de construção coletiva do conhecimento a partir da vivência de situações concretas representadas em linguagens visuais.

A escolha das visualidades como possibilidade metodológica nas oficinas se deu a partir das ponderações práticas vivenciadas em outros contextos pela arte-educadora Ana



Mãe Barbosa. Para a autora se faz necessário defender a cultura visual e a arte na escola, sobretudo, no que concerne a esse projeto de extensão, visto que consideramos a cultura visual como uma educação informal, onde boa parte dos alunos aprendem a discriminação ao feminino e a objetifica. Segundo Barbosa:

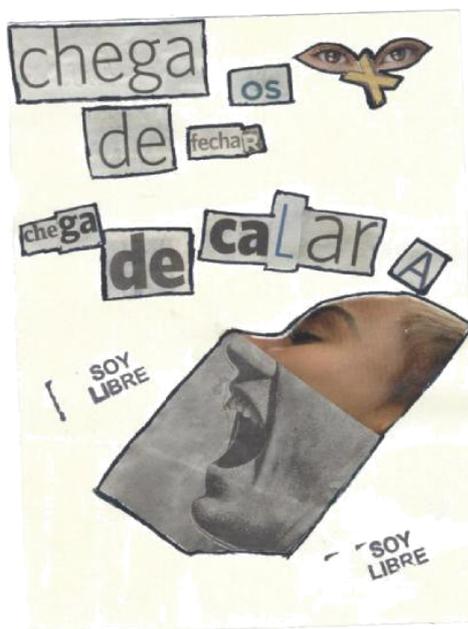
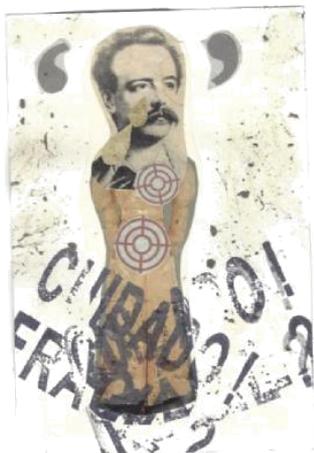
Sonegar Arte na escola é tão danoso quanto esquecer outras manifestações da Cultura Visual que exercem mais diretamente influência no comportamento social por visarem exatamente dominar comportamentos e desejos. A desconstrução crítica do poder interessa a arte e a Cultura Visual (BARBOSA, 2010, p.21).

A autora acredita que a consciência histórica mediada pela Cultura Visual permite uma regeneração através da recriação das imagens. Nesse sentido seu método, partindo de uma série de visualidades produzidas sobre o gênero nos permitirá ressignificar a cultura visual e transformá-la numa arte emancipatória sobre o feminino.

Resultados e Discussão

De início realizamos uma roda de diálogo sobre as preferências estéticas dos alunos e foi apresentado um slide sobre a história da arte contemporânea. Alguns alunos apresentaram uma certa estranheza sobre a conceituação da arte, sobretudo no caso das *assemblages*. Após essa apresentação dos processos artísticos, os alunos tiveram uma aula sobre arte postal no Brasil e no mundo e iniciamos um debate sobre as comunicações enviadas via correio e via email. Foram disponibilizados papéis cartão, vergê, tintas, carimbos e revistas para que os alunos pudessem produzir postais sobre a violência de gênero contra as mulheres.

Abaixo apresentamos alguns postais produzidos pelas alunas:





No segundo dia os alunos tiveram aula de fotografia partindo dos seguintes eixos: enquadramento, composição, texturas, profundidade de campo, regra dos terços. Após compreenderem as “ regras” que compõem o campo fotográfico. O segundo momento da aula foi de apresentação de artistas feministas que trabalham com o corpo como estética na fotografia a exemplo de: Ana O, Luciana Urtiga, Conceição Myllena, Francesca Woodman dentre outras. A escolha dessas artistas serviu para apresentar as alunas inúmeras formas de estéticas corporais e de autorretrato. Os alunos passaram a elaborar um roteiro para criarem uma sequencia de fotos onde a questão do feminismo e as questões de gênero pudessem vir a tona. Abaixo seguem algumas das produções e experimentações fotográficas:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O





Ao término das oficinas que fizeram parte do curso, os alunos fizeram uma intervenção em um local público (Parque das Caraibeiras), os alunos pintaram os olhos de bonecas de plástico, simulando uma venda escura nos olhos e penduraram as bonecas entre as árvores. A intenção foi fazer com que partindo da plasticidade da intervenção a população que passa todos os dias pelo parque pudessem significar o espaço de outra forma e fazer interpretações diversas.



ALTMANN, Helena. *Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Revistas Estudos Feministas. 2001.

BARBOSA, Ana Mãe. *Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

CANDAU, Vera Maria et al. *Oficinas pedagógicas de direitos humanos*. 2ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MECSEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual*. Brasília: MECSEF, 1998

FIGUEIREDO, Vicente Augusto Aquino de. *Gênero, patriarcado, educação e os parâmetros curriculares nacionais*.

Caderno Espaço Feminino, v. 21, n. 1, Jan./Jul. 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: Unidade teoria e prática*. 4° Ed. São Paulo: Cortez, 2001.